

**SAUSSURE E O NECESSÁRIO ESQUECIMENTO DA FALA INFANTIL:
UMA LEITURA PARA A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM.**

MARIA FAUSTA PEREIRA DE CASTRO
(GPAL¹-UNICAMP)

ABSTRACT: The aim of this work is to show that it is possible to infer from De Saussure's work elements which are relevant for discussing the acquisition by the child of its mother tongue. It is from the author's ([1916]2008) conceptualization on linguistic change that we devise the hypothesis that change in language acquisition implies to forgetting (and losing) infantile speech. On the other side, we try also to show that forgetting infantile speech due to the acquisition of mother tongue should not be considered apart from the forces which act in the so-called *screen memories* of childhood, according to Freud's theorization ([1899] 1994).

“*Unde exoriar?*”²- É essa a questão pouco pretensiosa e, até mesmo terrivelmente positiva e modesta que se pode colocar antes de tentar abordar, por algum ponto, a substância deslizante da língua. Se o que pretendo dizer a respeito é verdade, não há um único ponto que seja o ponto de partida evidente”.

(Saussure, *Escritos de lingüística Geral*: 241).

Uma leitura de Saussure, motivada pelo problema da aquisição de linguagem, não é um ponto de partida evidente: o autor raras vezes traz para a sua reflexão a fala da criança e a infância não é para ele uma questão. Entretanto, essas duas noções se enlaçam no conceito de mudança - esse, sim, um tema saussuriano. A própria etimologia atesta essa relação.

De fato, a palavra “infância”, como se sabe, vem do latim *infantia, ae* que significa tanto ainda não falar como infância, o que é novo, novidade; do latim *infans*, que não fala, criança. A aquisição da linguagem é, portanto, a passagem ou mudança do *infans para* sujeito falante.

O filósofo Giorgio Agamben (1989)³ toma a infância como uma experiência de língua(gem) (*experimentum linguae*). Para ele a infância encontra seu lugar lógico na relação entre linguagem e experiência; um *experimentum linguae* no sentido estrito do termo.

¹ Grupo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem. Departamento de Lingüística/IEL.

² De onde devo partir? Por onde começar?

³ Trata-se de uma edição em francês, cujas passagens foram traduzidas por mim.

“É o fato de o homem ter uma infância (em outras palavras, que ele tenha necessidade para falar de se expropriar da infância, a fim de se constituir como sujeito na linguagem) que rompe o ‘mundo fechado’ do signo e transforma a pura língua em discurso humano, o semiótico em semântico. Na medida em que ele tem uma infância, na medida em que ele não é desde sempre falante, o homem não pode entrar na língua como sistema de signos sem a transformar radicalmente, sem constituí-la como discurso” (Agamben, [1989]2008: 71).

Essas palavras surgem como apresentação de uma teoria da infância, enquanto dimensão original do homem,⁴ e como resposta a um problema que Agamben considera central na linguagem humana: o fato de haver sempre “uma dupla significação”. A questão se formula pelo contraponto entre o que faz Benveniste ao propor dois modos de significância - o semiótico e o semântico⁵ - e a dicotomia saussuriana: língua e fala. Para o filósofo, o gesto teórico de Benveniste é bastante distinto daquele de Saussure. Agamben se filia claramente à formulação de Benveniste, embora reconheça que Saussure expressa dramaticamente a passagem da língua para o discurso nos “Escritos de Linguística Geral” (2004), quando afirma que a língua só existe em função do discurso e se pergunta sobre o que separa o discurso da língua ou ainda “o que, em dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*” (Saussure 2004: 237. Itálico do autor). Os diversos conceitos estariam prontos na língua, como boi, lago, céu, vermelho etc., mas toda a questão está em saber sob que condições esses conceitos formariam o discurso. “A seqüência dessas palavras, por mais rica que seja, pelas idéias que evoca, não indicará jamais, para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, queira lhe comunicar alguma coisa”⁶ (Saussure, idem: IBID). Assim se entende porque o autor afirma que a língua só existe em vista do discurso (*en vue du discours*).

A formulação da teoria sobre a infância (*experimentum linguae*) por Agamben não tem como foco específico a criança, ela não é tematizada e sua fala não é alvo de indagação, mas está necessariamente incluída como um ser que precisa se expropriar da infância para se tornar um sujeito falante. Não está aí parcialmente delineada a trajetória do *infans* na linguagem?

A resposta é aqui positiva, mas reclama a advertência de que se a criança é silenciada na teoria é porque teoricamente a experiência da infância excede a ela; a infância não está delimitada pela figura da criança ou contida em uma fração de tempo de uma vida; seu lugar é logicamente determinado pela relação entre linguagem e experiência; passagem do semiótico ao semântico ao longo do percurso do sujeito enquanto falante.

Há uma certa opacidade nos conceitos de infância e criança, que se articulam sem designar uma referência de maneira imediata; mas ela só pode ser reconhecida quando os retiramos do campo de uma simples cronologia e deixamos falar a necessidade da intervenção de outras questões, que dão aos primeiros a dimensão de sua complexidade.

É esse o movimento de Agamben ao tratar da infância como uma experiência de língua(gem) (*experimentum linguae*) e de algum modo, também de Saussure, como veremos adiante, ao levar o enigma da fala da criança para a reflexão sobre a mudança lingüística. É ainda o que faz Freud ([1899] 1994) ao problematizar as lembranças da infância.

⁴ (histórico-transcendental)

⁵ Não está no escopo deste trabalho discutir as questões entre o semiótico e o semântico para Agamben.

⁶ Há um pequeno desacordo entre esta citação, tal como consta neste trabalho, e a tradução brasileira de que me sirvo. Cotejada com o original a alteração se fez necessária.

Michel Gribinski, no prefácio à nova tradução francesa dos *Trois essais sur la théorie sexuelle* (Freud, [1905] 1987), traz o problema da presença da criança nessa obra de Freud. “Qual é a criança dos Três Ensaios?”, pergunta-se. Sua resposta inclui um novo elemento na rede de relações entre a criança e a infância: o infantil, termo que para a psicanálise se define como “fragmentos arqueológicos que as transferências (*les transferts*) atualizam no tratamento, ecos provenientes não de um saber arcaico, mas de seus avatares” (Gribinski, *in* Freud 1987:16. Minha tradução)⁷. É pela relação com o infantil que Gribinski extrai o lugar da criança naquela obra de Freud.

É certo dizer que Freud menciona frequentemente a criança, afirma Gribinsky, ele interpreta a fala da criança, se interroga sobre o seu comportamento e ainda examina os anos da infância; sem deixar de lado notações objetivas sobre a relação entre os seus diversos “períodos” (sic) e as respectivas idades.

Entretanto, a questão teórica não deve ser tecida na linearidade das menções à criança. Por empírica que seja a presença dessa última, ela não deve esconder o fato de a elaboração freudiana “só dizer respeito ao infantil”.

“É um equívoco sustentar que ele [Freud] só se interessa pelo infantil; mas também o é não ver que sua elaboração só diz respeito ao infantil: crer que a criança é o objeto de Freud ou o da psicanálise seria um contra-senso absoluto. A criança é o mito teórico do infantil, e Freud a trata nos *Trois essais* como mais tarde tratará o “selvagem” ou *L’Urvater*, o pai da horda primitiva: como provocadores da teoria”. (Gribinski, *op.cit.*: 16. Minha tradução).

A nota de Gribinski dá destaque à posição singular da criança: Freud nela se detém, ainda que o objeto investigado seja outro. Ele não elide a criança, como o faz Agamben ao falar da infância. Mesmo se, como esse último, nos “Três ensaios...” sua questão seja outra, a reflexão sobre a criança guarda aí um valor heurístico, o que faz dela uma “provocadora da teoria”.

Interrogar conceitos como infância, criança e infantil faz cessar a naturalização desses termos; impede que eles sejam tomados como “evidentes por si mesmos”, obrigando a que suas raízes teóricas se ponham em pauta e a reflexão faça o trajeto inverso da instalação do que Barthes (1977) chamou de “mito contemporâneo”, isto é, quando há uma transposição do cultural, do histórico, do ideológico em natural; e os “fundamentos absolutamente contingentes do enunciado” tornam-se assim o bom senso, “numa palavra a *doxa*” (Barthes, *op.cit.*: 11).

É por esse mesmo expediente que a fala da criança e o próprio conceito de língua materna são postos em questão no campo da aquisição de linguagem no seu compromisso de explicar a passagem do *infans* a sujeito falante.

⁷ Nesse caso o termo vem geralmente precedido do artigo, como substantivo. Isso não impede, contudo, a presença nos textos de psicanálise do adjetivo “infantil”, remetendo à infância, em expressões como “patologia infantil”, “psiquismo infantil” etc.

Foi assim que interroguei a suposta evidência da língua materna:

“Não seria exagero dizer que, freqüentemente, considera-se a língua materna (...) como um objeto cuja realidade parece certa e precisa. Quase sempre exclusivamente definida no eixo de uma cronologia, ela é aí reconhecida como primeira língua”.

“(...) procurei trazer o tema da língua materna para o debate na área de aquisição de linguagem como um conceito metodológico, assumindo que a hipótese cronológica é uma resposta dada de antemão a uma questão ainda não formulada na sua complexidade, mas cuja explicitação é necessária para que se revele a posição ímpar da língua materna ante as outras línguas adquiridas”. (Pereira de Castro, 2006: 135).

De Lemos (2008), ao comentar o trabalho de Bloom (1970) e mostrar que nele a investigadora se inclinava a descrever não a fala da criança, mas sua própria interpretação, isto é, o “conhecimento lingüístico” que se atualiza em sua interpretação, explica porque tomou uma decisão epistemológica totalmente distinta daquela adotada pelos estudos em aquisição.

“Penso hoje que isso tudo me empurrou para uma outra direção. Em um tempo primeiro, para o reconhecimento metodológico e teórico da fala do outro na fala de crianças. Em um segundo, para o reconhecimento do “erro”, isto é, do que vem a comparecer como diferença entre a fala da criança e a do adulto, como o lugar metodológico possível para vislumbrar-se algo do processo de vir a ser falante. Subjacente a esses dois movimentos estava a convicção da impossibilidade de interpretar a fala da criança e da necessidade de, acima de tudo, interrogá-la” (De Lemos, *op.cit.*:85).

A própria noção de “aquisição” é a um certo momento interrogada pela autora:

“(...)quero lembrar que em meu trabalho sobre fala de crianças tenho argumentado contra a visão de que a criança *acquire* linguagem e a favor da *captura* da criança pela língua em ato na cadeia significante em que poderá vir a emergir como sujeito” (De Lemos, *op.cit.*:89).

Seus argumentos em favor da noção de captura refletem a posição de Saussure ([1916] 2008), que exclui a possibilidade de se tomar a língua como função do sujeito falante. E ao explicitar a inversão da relação sujeito-objeto, compreendida no processo de captura, é sobretudo da definição de língua materna por Lacan - como uma “ocupação de cada um de nós” ([1975] 1982: 188) que a autora se aproxima. Destino de todo ser, a língua materna não pode, segundo Milner (1978), ser incluída em uma série de línguas. Embora seja uma entre outras, para um certo sujeito falante ela é sua língua materna.

Nesse trajeto de vir a ser falante, a disparidade entre o adulto e o estado de prematuridade do *infans* convoca a teoria: qual o efeito da incidência da palavra do outro sobre o corpo prematuro do *infans*? A fala da criança é em parte uma resposta à questão e, na sua especificidade, se impõe como problema para o investigador.

Trago aqui um episódio⁸ pelo qual se pode dizer algo sobre a trajetória do *infans* na linguagem. Trata-se de um cruzamento entre a prosódica e outros elementos lingüísticos do

⁸ A análise deste episódio foi discutida pela primeira vez na aula elaborada para cumprimento da prova didática do concurso público de provimento do cargo de professora titular do Departamento de Lingüística do IEL/UNICAMP (2006a). A publicação do texto integral da aula está em preparação.

enunciado da criança; momento em que se revela sua posição na constelação familiar: filha de seus pais e com uma irmã mais velha, cuja fala desencadeia o enunciado.

1- (em torno de 1;10 a criança usa a exclamação **nossa!** diante de tudo que a surpreende, agrada, espanta, como por exemplo, quando assistia a um espetáculo de ginástica rítmica de que a irmã mais velha participava. Inúmeras vezes exclamou **nossa!** diante do som alto, ao ver a luz estroboscópica etc.)

Dias depois desse período a mãe, ao chegar a casa, é recebida pela criança que gesticula com braços e olhos bem abertos dizendo,

(1) **M. Mamãe, nossa! (exclamativa)**

Papai meu.

A. (A mãe pede que a filha explique o que está contando. E a criança repete)

M. Mamãe, nossa!

Papai meu.

A. Sem entender, a mãe se dirige à filha mais velha que explica: pouco antes a criança dissera “mamãe (é?) minha”, a que irmã teria retrucado corrigindo: “não, a mamãe é nossa”. (M. 1; 9)

É a homonímia que sustenta nesse episódio o deslocamento de uma exclamação (**nossa!**) para a posição do pronome possessivo na cadeia falada. Mesmo repetindo a irmã - “(a) mamãe (é) nossa” - a entonação de **nossa!** na fala da criança traz a marca da exclamação, o vestígio de um outro ato enunciativo, que se sobrepõe prosodicamente ao enunciado da criança promovendo o equívoco, o não-entendimento. A explicação da irmã mais velha esclarece em parte a origem do enunciado e permite que se reconheça o movimento do significante entre categorias gramaticais, pelo efeito do discurso.

Não é apenas pelas suas determinações discursivas - de um já dito que se reapresenta na fala da criança - que o episódio deve ser discutido.

A oposição entre “nossa” e “meu”, entre “mãe” e “pai” e a composição entre esses quatro termos, revela também o funcionamento da língua; questão que nos conduz a um sistema de oposições com sua ordem própria.

No capítulo sobre “O valor lingüístico” Saussure recorre à oposição entre “pai” e “mãe” no item dedicado à reflexão sobre o signo na sua totalidade. Trecho em que o autor introduz a noção de positividade do signo.

“Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem” (Saussure, [1916] 2008: 139).

Logo depois retoma o problema:

“Quando se comparam os signos entre si - termos positivos - não se pode mais falar de diferença; a expressão seria imprópria, pois só se aplica bem à comparação de duas imagens acústicas, por exemplo *pai* e *mãe*, ou de duas idéias, por exemplo a idéia de “pai” e a idéia de “mãe”; dois signos que comportam cada qual um significado e um significante não são diferentes, são somente distintos. Entre eles existe apenas *oposição*. Todo o mecanismo da linguagem, que será tratado mais adiante, se funda em oposições desse gênero e nas diferenças fônicas e conceptuais que implicam” (Saussure *op.cit.*: 140. Itálicos e aspas do autor).

O que é verdade para a noção de valor o é também para a de unidade. Essa última, como o valor, é regida pelo “princípio da diferenciação”, isto é, o que constitui o signo – significante e significado – é o que o distingue. Na língua “o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade” (*op.cit.*: 141).⁹

O autor estende ainda o campo de atuação do mesmo princípio ao “fato de gramática”: como a unidade, ele exprime sempre uma oposição de termos. O exemplo citado é a formação do plural alemão como *Nacht* : *Nächte*, que está constituído por um jogo de oposições dentro do sistema. Tomados isoladamente, nem o primeiro nem o segundo termos são nada; “logo tudo é oposição” (*op.cit.:ibid.*).

Nota-se na argumentação de Saussure, nesse momento da longa discussão sobre o conceito de valor lingüístico, um caminho para a literalização do fenômeno, capaz de abarcar tanto o que ocorre no nível da unidade como no fato de gramática.

“Dito de outro modo pode-se expressar a relação *Nacht* : *Nächte* por uma fórmula algébrica *a/b* onde *a* e *b* não são termos simples, mas resultam cada um de um conjunto de relações. A língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos. Entre as oposições que abarca, há umas mais significativas que outras; mas unidade e “fato de gramática” são apenas nomes diferentes para designar aspectos diversos de um mesmo fato geral: o jogo das oposições lingüísticas. Isso é tão certo que se poderia muito bem abordar o problema das unidades começando pelos fatos de gramática” (Saussure,*op.cit.:ibid.*).

Voltando à fala da criança no episódio acima, pode-se então interrogar: o que dizer sobre o jogo de oposição e composição entre os termos “pai/mãe” e “nossa/meu” nos enunciados “mamãe nossa” e “papai meu”? A língua promove aí seus efeitos e na teia dessas relações é dito mais do que podemos atribuir à criança como um ‘querer dizer’ ou como ‘conhecimento da língua’. De fato, observa-se no episódio um fato freqüente no processo de aquisição da linguagem: a criança só se deixa afetar pela correção da irmã no primeiro enunciado, mantendo no segundo a mesma relação: “papai meu”. A que atribuir essa escuta que falha em determinado ponto da cadeia?

O entrecruzamento lingüístico nesse breve episódio mostra cada um de seus elementos em um intrincado sistema simbólico, sobre o qual nos fala Lacan em uma passagem que se pode ler deixando ecoar o que diz Saussure sobre a língua como uma “álgebra que teria apenas termos complexos”.

“(…) todo símbolo lingüístico facilmente isolado não é solidário somente do conjunto, mas se recorta e se constitui por toda uma série de afluências, de sobredeterminações opicionais que o situam ao mesmo tempo em vários registros. Esse sistema da linguagem, no qual se desloca o nosso discurso não será algo que ultrapassa infinitamente toda intenção que ali podemos colocar, e que é somente momentânea?” (Lacan, 1979:68).

⁹ Cf. Jean Claude Milner (1989).

Esse comentário sobre a posição do sujeito no sistema simbólico visa, inicialmente, à experiência analítica, que mostra ao sujeito que ele diz mais do que pensa dizer. Entretanto, não por acaso, o que vem depois é uma menção à aquisição da linguagem, à heterogeneidade da fala inicial da criança e ao caráter contingente da sua significação. É a partir da clínica que se tecem as reflexões de Lacan.

“Todo mundo sabe com que diversidade aparecem na locução da criança os primeiros fragmentos da linguagem. E sabe-se também como é surpreendente ouvir a criança exprimir advérbios, partículas de palavras, alguns *talvez* ou *ainda não*, antes de ter exprimido uma palavra substantiva, o menor nome de objeto” (Lacan, *op.cit.*: 69).

Esses fatos o levam a reafirmar a necessidade de uma posição prévia frente ao problema para situar toda observação. Sem apreender “a autonomia da função simbólica na realização humana, é impossível partir dos fatos sem cometer logo os mais grosseiros erros de compreensão” (*op.cit.*: *ibid.*)¹⁰.

A fala infantil deixa sempre entrever um aspecto singular em jogo na relação da criança com o outro, com a língua ou com sua própria fala. Por outro lado, mesmo quando a aquisição passa a ser teoricamente dimensionada pela ausência de um estado final, em que culminaria o desenvolvimento, também é fato que certos fenômenos observados na fala da criança podem ser caracterizados por uma aproximação da fala do adulto¹¹.

“Tesouro depositado pela prática da fala”, “captura” ou “ocupação”¹², expressões que se afastam de qualquer compromisso com uma proposta de desenvolvimento, mostram também que a língua materna, que antecede o *infans* na cultura, a ele se impõe como destino. Nas palavras de Pascal Quignard (1998: 222) o “destino é o relato de vida do qual ninguém escapa” e como exemplo menciona a língua de captura (*d'emprise*), a língua materna. Nesse sentido, ela é não só uma experiência única, como também deve ser considerada inesquecível¹³, uma vez que não se esquece a posição de falante e nunca se volta ao estado em que se encontra o *infans*.

Esse sistema que se deposita como efeito de estrutura promove mudanças radicais na relação da criança com a sua fala infantil. Pensar a questão é também lançar luz sobre o próprio conceito de infância; afetada, como o *infans*, pela mudança.

Tornar-se falante tem como efeito o esquecimento da fala infantil, mas para que ‘esquecimento’ ganhe sua dimensão na função simbólica, tal como implicada nas questões relativas à aquisição de linguagem, é necessário percorrer, com Saussure e com Freud, um determinado caminho teórico. Inicialmente formulada em “Língua materna e os destinos da fala infantil”¹⁴, essa hipótese é aqui em parte retomada.

¹⁰ Trata-se aqui de uma citação do Seminário 1 de Lacan.

¹¹ Para uma crítica à noção de desenvolvimento no campo da aquisição de linguagem, ver De Lemos ([2000]2006).

¹² Saussure ([1916]2008; De Lemos (2002); Lacan (1982), respectivamente.

¹³ Ver Pereira de Castro (1998; 2006).

¹⁴ Ver nota 8 (Pereira de Castro 2006a).

Encontramos no *Curso* raras menções de Saussure à criança. Quando isso ocorre, ele o faz a partir de uma discussão sobre a mudança lingüística: no capítulo sobre o objeto da lingüística e naquele dedicado à analogia. É ainda sob o tema da analogia que nos *Escritos de Lingüística Geral*, a criança reaparece; dessa vez em uma menção mais detida. Para o autor a fala da criança constitui uma fonte importante de informação sobre as formações analógicas.

Entretanto, ao discutir a analogia no *Curso*, a questão é o seu papel na mudança lingüística, ou melhor, como a inovação analógica entra na língua. Saussure ressalta que embora toda mudança tenha origem na fala, nem todas as inovações analógicas têm a mesma sorte.

“Não é mister que todas as inovações analógicas tenham essa boa fortuna. A todo instante, encontramos combinações sem futuro, que a língua provavelmente não adotará. A linguagem das crianças está cheia delas, porque as crianças conhecem mal o uso e ainda não lhe estão sujeitas: as crianças francesas dizem *viendre* por *venir*; *mouru* por *mort* etc. Mas também a linguagem dos adultos as oferece (...).” (Saussure, *op.cit.* 196. Ênfase minha).

Em outra passagem do *Curso*, ainda ao falar sobre a mudança, Saussure menciona também a fala da criança, dessa vez para duvidar das explicações que atribuem aos seus erros um papel na evolução fonética da língua (*op.cit.*: 173).

A meu ver os erros ou variações que caracterizariam a fala infantil não seriam fator de mudança porque a mudança pela aquisição de linguagem implica o esquecimento (e a perda) dessas variações.

Para entender as breves menções de Saussure à criança na sua relação com a mudança é preciso seguir o autor na consideração sobre a posição do falante na mudança lingüística.

“A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o lingüista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado” (Saussure, [1916]2008: 97).

Na consciência do falante não há lugar para o passado da língua, ou como observa De Lemos ([2000] 2006: 24), “(...) embora o sujeito falante possa reconhecer a variação *ele não tem consciência da mudança* que pode decorrer da variação” (itálicos da autora). Em outra passagem ela se refere à “obliteração dos eventos históricos que dão origem a mudanças”, o que pede a explicitação de um funcionamento do sistema de língua (*op.cit.*:26).

Para Saussure na inovação há sempre dois momentos distintos: o primeiro - da esfera da fala - é o surgimento da inovação accidental e contingente entre os indivíduos. O segundo é aquele em que a inovação se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade. De Lemos (*op.cit.*) considera que o segundo momento é teoricamente importante para que se reconheçam os processos de identificação como condição para que um evento individual de fala seja incorporado pela comunidade. Mas tanto o evento individual como os processos de identificação coletiva, que mobilizam a mudança, não se explicariam sem que se recorra ao conceito de língua como um sistema autônomo de relações que impõe sua ordem própria.

Com mais uma menção de Saussure à aquisição de linguagem, volto à questão da fala da criança.

“A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista, distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e o que foi; na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las. Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno lingüístico em suas origens; se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma idéia bastante falsa crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira das condições permanentes; não se sairá mais do círculo vicioso”. (Saussure, *op.cit.*16).

As condições permanentes são aquelas já mencionadas: a atividade do sujeito falante como fonte de mudança, os processos de identificação mútua entre os falantes, que transformam as diferenças em similitudes, e a língua como um sistema que se impõe por suas relações internas e que “oblitera tanto a cena ou ato individual quanto a semelhança como efeito de processos de identificação” (De Lemos, *op.cit.*: 27).

Na aquisição essas condições se apresentam na medida em que a fala da criança, marcada pela heterogeneidade, aproxima-se daquela do adulto que a interpreta. Uma vez posta no funcionamento da língua materna, na posição de falante, a criança esquece a fala infantil.

É possível encontrar no livro de Heller-Roazen (2007) - “*Echolalies. Essai sur l’oubli des langues*”¹⁵ - logo no capítulo de abertura,¹⁶ um diálogo com Roman Jakobson (1969) e sua elaboração sobre o balbucio infantil: a criança seria capaz de articular uma variedade de sons jamais encontrados em uma única língua, ou mesmo em uma família de línguas. No “apogeu do balbucio” não se apontaria nenhum limite na capacidade fônica do bebê.

A interação entre Heller-Roazen e a obra de Jakobson ocorre pela leitura, por parte do primeiro, da narrativa sobre o que sucede a esse apogeu fônico: as crianças perderiam toda a sua capacidade fônica na passagem do “estado pré-lingüístico à aquisição de suas primeiras palavras” (Jakobson, 1969: 24) Esse fato poderia ser facilmente explicado, segundo Jakobson, mas o “mais surpreendente é que muitos outros sons comuns ao seu balbucio e à língua adulta desaparecem igualmente, a despeito do modelo que representa essa última para ela [a criança]” (*op.cit.*:25). Os sons só “são reconquistados pela criança depois de longos esforços, que podem durar às vezes vários anos” (*op.cit.*: 24-25)¹⁷.

Heller-Roazen busca respostas aos fatos mencionados por Jakobson sem inicialmente considerar as relações entre corpo e linguagem, de certo modo presentes na discussão desse último. É nesse momento que a noção de esquecimento é invocada.

¹⁵ “Ecolalies ensaio sobre o esquecimento das línguas”. O original foi escrito em inglês e publicado em 2005. Tenho apenas a tradução francesa, pela qual entrei em contato com a obra de Heller-Roazen. A Editora da Unicamp prepara uma edição do livro em português.

¹⁶ *Au sommet du babil*, “No apogeu do balbucio”.

¹⁷ Minha tradução (para todas as citações do autor).

“Tudo se passa como se a aquisição da língua só fosse possível ao preço de um esquecimento, de uma amnésia lingüística infantil (ou amnésia fônica, pois o que o bebê parece esquecer não é tanto a linguagem, mas uma capacidade de articulação aparentemente infinita)” (Heller-Roazen, 2007: 13).

Essa hipótese, apenas relativa à questão fônica, é limitada face àquela do esquecimento da fala infantil, discutida a partir da noção de mudança lingüística em Saussure. Mas Heller-Roazen reformula o problema pelo ângulo dos efeitos da língua materna. A relação entre haver língua e, por esse fato, haver sujeito falante é agora posta:

“(…) seria a língua materna que, tomando posse do seu novo locutor, se nega a tolerar nele a menor sombra de uma outra? (...) Pois pelo menos duas coisas devem emergir da voz desertada pelos sons que a habitavam [a criança] em outra época: uma língua e um ser dotado de fala” (*op.cit.* : 13)¹⁸.

Para Jean Claude Milner (1988), em seu artigo *Le matériel de l’oubli*¹⁹, o esquecimento é um fato estrutural que diz respeito ao sujeito. Na sua reflexão sobre essa problemática subjetiva é fundamental a noção de inconsciente freudiano: o inconsciente é tanto o lugar onde permanece a matéria do esquecimento como é ele também o lugar de sua causa. O conceito freudiano responde tanto ao *onde?* como ao *por quê?* do processo psíquico do esquecimento.

Acrescenta Milner,

“Mais exatamente, para responder à questão “por que o sujeito esquece?”, é certamente necessário (...) exibir o nome do inconsciente, mas não devemos nos limitar a essa questão. Outras proposições são exigidas. Uma entre todas: que o sujeito fale.

A doutrina é então: o sujeito capaz de esquecimento é sempre um ser falante (...) e o ser falante é sempre capaz de esquecimento (Milner, 1988).

Embora Milner trate do esquecimento do falante com relação à origem da linguagem, representada pela discussão sobre a constituição do signo lingüístico, sua reflexão é convergente com o que aqui se disse sobre a aquisição da linguagem pela criança, que submetida ao funcionamento da língua, esquece a fala infantil.

Por outro lado, o esquecimento da fala infantil pela aquisição da língua materna - consideradas as condições mencionadas - não está separado de tudo aquilo que toca de um modo especial às forças que atuam nas chamadas lembranças da infância; questão de importância para uma indagação sobre os conceitos de criança e infância na aquisição de linguagem.

Para Freud ([1899]1994: 287) “o tema das lembranças da infância (...) põem em notável relevo uma diferença fundamental entre o funcionamento psíquico das crianças e dos

¹⁸ A partir de Jakobson, o autor se pergunta se as línguas do adulto não reteriam algo do balbúcio infantil. Uma ecolalia, “vestígio desse balbúcio indistinto e imemorial cujo apagamento permitiu a linguagem”. Para o primeiro, as exclamações e onomatopéias confirmam o que diz Saussure sobre a relação estreita entre a seleção dos sons da língua e o caráter arbitrário e imotivado do signo lingüístico, já que elas praticamente não levam em conta essa seleção. Heller-Roazen dedica um belo capítulo ao tratamento da questão. Aí se entende a razão do título de seu livro, em que constam tanto a ecolalia como o esquecimento.

¹⁹ “O material do esquecimento”.

adultos”. Embora ninguém conteste o fato de as experiências dos primeiros anos da nossa infância deixar traços profundos no nosso funcionamento psíquico, ao tentarmos recuperar na memória quais as impressões que tiveram uma influência ao longo da vida, o resultado “é absolutamente nada ou um número relativamente pequeno de recordações isoladas”, cuja importância é duvidosa ou enigmática.²⁰

Freud destaca, dentre os diversos fenômenos que interessam à questão, aqueles que lhe permitiram introduzir a hipótese das “lembranças encobridoras”.

Algumas pessoas, surpreendentemente, se recordam de eventos cotidianos e irrelevantes da infância, ainda que acontecimentos marcantes mais contemporâneos não venham à tona. O valor desse fato enquanto lembrança não está, para Freud, no próprio conteúdo, mas nas relações existentes entre esse conteúdo e algum outro que tenha sido suprimido.

Freud recorre a uma imagem para falar dos inúmeros casos em que um conteúdo psíquico aparece em lugar de outro; eles se manifestariam “numa multiplicidade de constelações psicológicas”, sustentadas por elos simbólicos ou semelhantes. Um dos casos “mais simples” é o que ocorre nas lembranças infantis, quando “os elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais dessa mesma experiência”. Trata-se, para o autor, de um deslocamento para “alguma coisa associada por continuidade; (...) de um caso de recalamento acompanhado de substituição por algo próximo (seja no espaço ou no tempo)” (Freud, *op.cit.*:291)²¹.

As formulações sobre as lembranças encobridoras levam Freud de volta à indagação sobre as lembranças conscientes em geral, para mostrar que elas não devem ser encaradas de um modo simplista como se pudessem emergir com fidelidade. O que se observa é que aí também a impressão original foi elaborada ou, fato ainda mais surpreendente, lembranças nítidas e claras se revelaram falsificadas em muitos dos seus aspectos. Tais fatos mostram que elas se originaram em um período da vida muito posterior ao período a que pertence seu conteúdo.

Freud se pergunta, finalmente, se temos lembranças provenientes de nossa infância. Para ele tudo que temos são lembranças relativas à infância.

“Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram, (...) elas foram formadas nessa época” (Freud, *op.cit.*: 304).

Voltando ao esquecimento da fala infantil, se ela retorna já não é mais como fala infantil, mas como equívoco, submetida à escuta e à análise do falante da língua materna, que estranha o que ouve porque já não se lembra de tudo o que foi preciso esquecer quando foi por ela capturado.

²⁰ Freud não deixa de lembrar que em outros trabalhos ele atribuiu grande “importância patogênica” às impressões da infância (cf., por exemplo, “A etiologia da histeria”, trabalho de 1896). Aqui, porém, o foco está voltado para o tema das lembranças da infância.

²¹ Para todas as citações do autor neste parágrafo.

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEM, G. (1989) *Enfance et histoire. Dépérissement de l'expérience et origine de L'histoire*. Paris: Éditions Payot.
- BARTES, R. (1977) “Mudar o próprio objeto”. In: *A atualidade do mito*. J. Paulo: Duas Cidades, p. 11-14.
- BLOOM, L. (1970) *Language development: Form and Fonction in Emerging Grammars*. Massachusetts : M.I.T. PRESS.
- DE LEMOS, C.T.G. (2006) “Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem”. In: Lier de Vitto, M.F. e Arantes, L. (orgs.) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC-FAPESP, p. 21-32.
- _____.(2008) “Entre o falante ideal e o sujeito falante: por onde se move a pesquisa lingüística e/ ou por onde circula o lingüista”. In *Conexão Letras*, vol. 3 (Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre: Editora Porto–Alegre, p. 81-90.
- FREUD, S. ([1899] 1994) “Lembranças encobridoras”. In *Obras Completas*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, p. 285-304.
- GRIBINSKI, M. (1987) Prefácio à edição francesa de FREUD, S. ([1905] 1987) *Trois Essais sur la théorie sexuelle*. Paris : Éditions Gallimard, p. 9-20.
- HELLER-ROAZEN, D. (2007) *Echolalies. Essai sur l'oubli des langues*. Paris : Seuil.
- JAKOBSON, R. (1969) *Langage Enfantin et Aphasie*. Paris : Éditions de Minuit.
- LACAN, J. (1979) *Os Escritos técnicos de Freud (1953-1954)*, Livro 1 . Rio de Janeiro: Zahar Editores. _____.([1975] 1982) *Mais, ainda*. Livro 20. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MILNER, J.C. (1978) *L'amour de la langue*. Paris : Seuil. _____.(1988) « Le matériel de l'oubli ». In : *Usages de l'oubli*. Paris : Seuil, p. 63-75.
- PEREIRA DE CASTRO, M.F. (2006) “Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna”. In: Lier de Vitto, M.F. e Arantes, L. (orgs.) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC-FAPESP, p. 135-148.
- _____.(2006a) “Língua materna e os destinos da fala infantil”. Aula elaborada para cumprimento da prova didática do concurso público de provimento do cargo de professora titular do Departamento de Lingüística do IEL/UNICAMP.
- QUIGNARD, P. (1998) *Vie Secrète*. Paris: Gallimard.
- SAUSSURE, F. ([1916] 2008) *Curso de Lingüística Geral* . São Paulo: Cultrix. _____.(2004) *Escritos de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.